



QUERIDOS MESTRES

Serprianos conciliam a rotina na empresa com o dom de ensinar

Revista Interna Nº 27 - Out/Nov 2013

• **ACAMPANDO COM OS FARROUPILHAS**

Serpro mantém tradições da República do Piratini

• **SALVOS DO LEÃO**

Empregado de Brasília evita que cavalos aposentados sejam sacrificados em zoológicos

• **ENTRE A HISTÓRIA E O MAR**

Conheça as peculiaridades do Escritório do Serpro em Maceió

ENSINANDO E APRENDENDO

Experiências de ser prianos em salas de aula estimulam troca e disseminação do conhecimento

A jornada dupla não é fácil e o trabalho não acaba quando soa a sirene no fim da aula e, às vezes, um aluno quer apenas testar a paciência do professor. As dificuldades são muitas, é verdade, mas as experiências relatadas pelos entrevistados nesta edição da GPS levam a uma conclusão: é muito gratificante ensinar.

O interesse pelo ensino surge em situações diversas. Em algumas ocasiões, a inspiração veio com o exemplo de bons professores. Em outras, por meio de uma influência familiar, como aconteceu com Emmanuel Furtado, de Curitiba, alfabetizado pela tia professora. A necessidade também ajuda, como ocorreu com Flávio Heleno, do Rio de Janeiro, que lecionava para pagar a faculdade.

Esses ser prianos se destacam não só pelo trabalho na empresa, mas também pelo conhecimento e dedicação que passam para os seus alunos (alguns, os próprios colegas) em sala. E todos eles, de alguma forma, citam o intercâmbio de experiências como uma das principais recompensas desse trabalho. Nessa troca, mostram que ensinar é, também, aprender.

Roberto Campos Júnior, da Regional Belo Horizonte, resume bem essa profissão. “Ser professor é uma maneira de continuar estudando eternamente”. ■



■ **Belém**
Conhecimento como recompensa

João Roberto, analista de desenvolvimento na Regional Belém, começou a carreira docente logo após a sua formatura, há mais ou menos dez anos. Na época, João Roberto trabalhava na Telepará, mas o salário atrativo e o desafio de lecionar o fizeram aceitar ser professor de uma escola técnica no Amapá. João acredita que sua atividade profissional no Serpro e a de professor podem ser facilmente conciliadas e que a troca de experiências entre os dois ambientes estimula o conhecimento.

O analista/professor reconhece que exercer, ao mesmo tempo, os dois papéis traz desafios. Mas as situações ruins devem ser encaradas com jogo de cintura. “Sempre tem um aluno querendo testar a sua paciência. Tem que saber lidar, tentar trazer essa pessoa para o seu lado. Com um elogio e um pouco de atenção, é possível contornar esse tipo de situação”, aconselha.



■ **Belo Horizonte**
Vocação em família

Analista do Serpro há oito anos, Roberto Campos Júnior leciona há seis em faculdades de Belo Horizonte. São disciplinas como Algoritmos, Estruturas de Dados e outras relacionadas ao processo de desenvolvimento de sistemas. Roberto tem, na família, um bom incentivo para atuar como professor. “Minha esposa, irmã e cunhado: somos todos professores e lecionamos na mesma instituição de ensino superior. É engraçado, pois encontro minha família todos os dias no trabalho e acho muito bom”.

Roberto diz que as experiências vividas no Serpro servem de contexto para muitas aulas e vice-versa. “A todo momento, as atividades estão relacionadas. Quando leciono alguma disciplina, tenho que estudar. O aprendizado acaba levando para o Serpro, sempre visando aplicar práticas melhores no meu trabalho. Ser professor é uma maneira de continuar estudando eternamente”, completa.



Brasília
Gerando frutos

Atualizar-se e trocar conhecimentos com os alunos. Essa é uma das recompensas de Gilvan Nascimento, analista do Serpro em Brasília e professor do curso de Direito em uma faculdade do Gama/DF. Lecionando há seis anos, Gilvan conta que o trabalho já lhe trouxe boas experiências como, por exemplo, a oportunidade de dar aulas para três gerações de uma mesma família e ficarem amigos mesmo após o curso.

Ele diz que é bom acompanhar o desenvolvimento dos alunos. “Faz bem a gente saber que está contribuindo com a formação cultural, educacional, ética, moral e profissional de alguém. E ainda ajudar no acesso ao mercado de trabalho, que hoje está muito difícil”, orgulha-se.

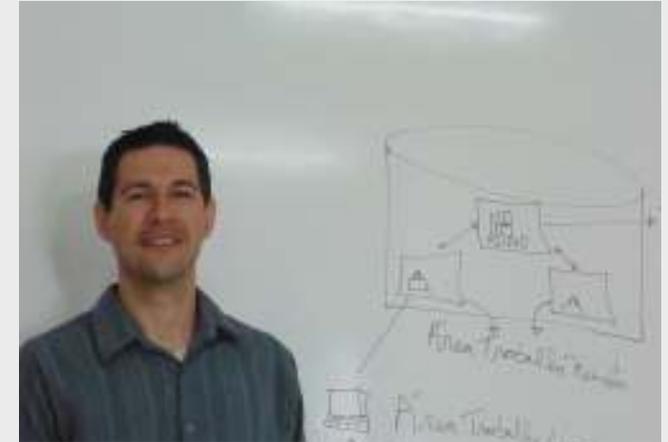
E Gilvan tem um outro importante motivo para se orgulhar. Sua filha está concluindo o curso de química e já ministra aulas da disciplina.



Curitiba
Trabalho é também diversão

Emmanuel Furtado, analista de desenvolvimento da Decta, teve bons exemplos de docentes ainda em casa: “Minha tia Iolanda foi minha primeira professora – ela quem me alfabetizou. É uma referência que me inspira a ensinar alguém”. Das primeiras letras traçadas com a ajuda da tia vieram a admiração pela profissão e o desejo de ensinar, que o levaram a dar aulas em um cursinho comunitário e a eventuais cursos dentro do Serpro.

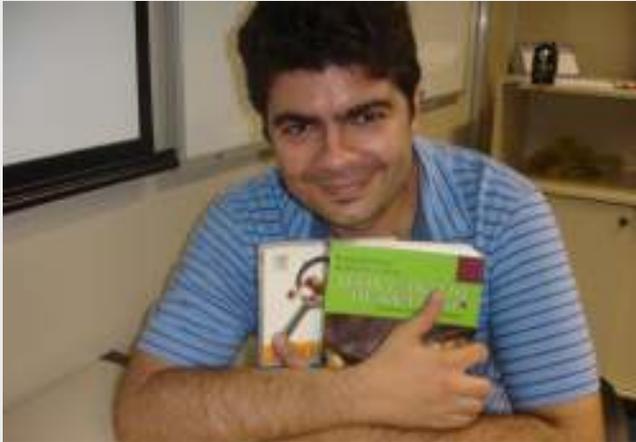
Hoje, Emmanuel divide a chefia de equipes dentro da área de desenvolvimento na Regional Curitiba e é professor no curso tecnológico de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, no Centro Tecnológico Positivo. Segundo ele, a maior recompensa é o fato de se divertir dando aula e participar da formação de novos profissionais: “Faço parte da história dos alunos e eles da minha! Sinto-me realizado”, diz.



Florianópolis
De bom aluno a professor

Você lembra daquele menino de Mundo Novo/MS, bom aluno, que prestava atenção nas explicações e dedicava um bom tempo do seu dia para as tarefas e estudar para as provas? Ele cresceu, trabalha no Serpro e hoje também é professor. Wagner Moratelli, analista de desenvolvimento na Regional Florianópolis, diz que adquiriu o gosto por ensinar na faculdade, quando foi monitor de informática. Também ajudava uma tia professora nas correções de trabalhos e provas, experiência que deixou claro o quanto é trabalhoso ser professor de carreira, devido à jornada que em muito excede a sala de aula.

Mas Wagner faz questão de ressaltar os benefícios de sua escolha de ministrar cursos no Serpro conciliando a atividade com o trabalho na Supde. “É gratificante, pois tem me permitido conhecer mais a empresa e a cultura dos locais onde vou, trocar conhecimento com colegas e sair da rotina do dia a dia”, diz.



■ **Fortaleza**
Uma via de mão dupla

Professor de Engenharia de Software e Orientação a Objetos há mais de sete anos, Nauber Gois, da Regional Fortaleza, admirava o trabalho feito pelos professores e sonhava viver de pesquisa e construir um mundo melhor. Nauber entende as dificuldades, não só dele como professor, mas também dos alunos em persistir e buscar o conhecimento. “Em algumas turmas, os alunos chegam exaustos após a longa jornada de trabalho e é necessário um esforço extra para conseguir atenção. Mas uma coisa que posso dizer é que o aprendizado é uma via de mão dupla: o aluno é responsável em conjunto com o professor”. E Nauber não está sozinho. “Na faculdade em que ensino, temos mais quatro professores do Serpro e, sempre que possível, conversamos sobre formas de ensinar, formular e aplicar provas, quem são os alunos dedicados ou combinamos formas de substituir alguém quando surge alguma viagem a trabalho”, diz.



■ **Porto Alegre**
Preparado para ensinar

Duas grandes influências colocaram Roges Grandi, da Supde, na trilha do magistério. A mãe, também professora, o alfabetizou e lhe mostrou “o sentido humanístico da educação”. Já o escotismo aflorou as noções de cooperação, aprendizado e crescimento. Tudo isso formou um profissional que se divide em aulas na universidade, pesquisa acadêmica e o Serpro.

Da experiência de lecionar, ele lembra um caso corriqueiro. Recentemente, um aluno de gerenciamento de projetos lhe pediu uma “questão bomba”, daquelas que ninguém acerta, para aplicar em uma equipe de jogos empresariais. No dia seguinte, o aluno chegou rindo, contando sobre a polêmica questão. Foi um exemplo de suas cotidianas satisfações. “Acredito que para a maioria de nós, professores, as grandes recompensas são essas: ver as pessoas se transformarem em melhores cidadãos, crescerem, tornarem-se felizes”, resume Roges.



■ **Recife**
Vocação e dedicação

O analista de redes Roberto Mendonça, da Regional Recife, ensinava já na adolescência, nos estudos em grupo no colégio e em algumas aulas particulares. Mas foram os bons exemplos de seus professores que realmente o incentivaram. “Acredito que já se nasce com essa vocação, mas ver a dedicação de alguns dos meus mestres me motivou”, explica.

Lecionando há 11 anos na mesma área em que atua no Serpro, Roberto diz que, como todo professor já foi aluno, procura lecionar como gostaria de aprender. “Tenho obtido muito sucesso usando esse critério, procurando ser um bom docente dentro de sala de aula e um amigo fora dela”, afirma.

Segundo ele, além do apoio da família, a satisfação com a profissão vem da troca de informações, do aprendizado e da amizade, com a sensação de estar contribuindo para a educação de um país melhor.



Rio de Janeiro
“Não me vejo sem dar aulas”

Os 21 anos ensinando deram a Flávio Heleno, analista da Regional Rio de Janeiro, a certeza da sua escolha. “Tenho tanto amor pelo que faço, que não me vejo sem dar aulas”. Filho de professores, Flávio diz que não foi influenciado por eles. “Passei a ensinar porque a minha faculdade ficou muito cara para os meus pais pagarem. Consegui um trabalho na própria faculdade e fiquei com o curso integralmente pago. Venci a timidez para não perder a oportunidade”, recorda.

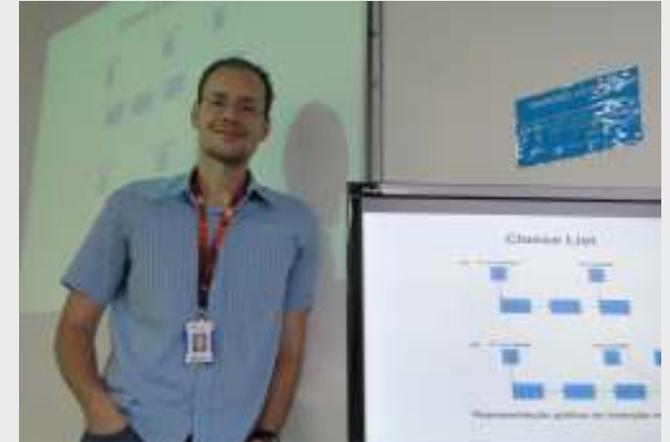
Atualmente, Flávio ensina Engenharia de Software e Programação Modular em Linguagem C. A tecnologia, tão presente no dia a dia do Serpro e nas suas aulas, traz também alguns obstáculos. “Hoje, por encontrarem tudo na internet, os alunos não fazem mais questão de guardar no cérebro. Alguns ficam mergulhados num mar de conteúdo e perdidos ao tentar raciocinar. Meu maior desafio é ensinar os alunos de hoje a pensarem”, afirma.



Salvador
Ensinar é aprendizado constante

Nos tempos de escola, para muitos, apresentar trabalhos para a turma era tarefa complicada. Não para Bruno Vianna, analista de redes na Regional Salvador. Segundo ele, a timidez alheia acabou fazendo com que descobrisse um novo talento. “Percebi que os meus colegas tinham vergonha em apresentar trabalhos em público. Com isso, eu fazia aquilo que, para mim, era o mais fácil”, relembra.

Bruno já participou de edições do Consegi oferecendo minicursos e ministrando palestras, como a de Firewall, por exemplo. Sobre a experiência com informática no Serpro e nas faculdades em que leciona redes de computadores, Bruno destaca os pontos positivos. “Na verdade, acho que a gente aprende mais do que ensina. Temos contatos com outras pessoas, de diferentes pontos de vista. Isso provoca uma troca muito grande e exige ainda mais estudos, mais pesquisa por novos conhecimentos”, conclui.



São Paulo
Formando e se informando

Ubirajara Maltez é mestre em Ciências Matemáticas e Computação e analista do Serpro, em São Paulo, há sete anos. Por volta dos 15 anos, acompanhava o pai em aulas práticas de veterinária com animais de grande porte. “Além disso, como eu gostava e tinha domínio de matemática e física, meu irmão, também professor, me mandava alunos para aulas de reforço nessas matérias. Foi assim que comecei a ganhar alguns trocados”, relembra.

Após um período afastado da docência, Bira retornou ao magistério em 2012. Hoje, além de docente em cursos de TI em uma universidade, é tutor em cursos de E@D e instrutor em treinamentos do Serpro.

Conciliar as duas atividades é cansativo, mas recompensador. “Ajudo a formar uma nova geração de profissionais e, por conta disso, mantenho-me atualizado com as novidades e tendências da área de TI” garante Bira.

ACAMPAMENTO REVOLUCIONÁRIO

Serpro mantém tradição de participar de evento que recria ambiência da Revolução Farroupilha

Faça chuva ou faça muita chuva, o mês de setembro é sempre de festa no Rio Grande do Sul. Não há comemoração que se iguale, no calendário local, à Semana Farroupilha. “Semana”, aliás, é modo de dizer: teoricamente, os festejos deveriam começar no dia 14. Mas, na prática, as atividades se iniciam já no 7 de setembro, estendendo-se até dia 20, quando se relembra a Batalha da Azenha, ocorrida em 1835, na zona sul da capital. O confronto foi um marco da Revolução Farroupilha (ver box na página 8), e desde 1995 determina feriado em todo o Estado.

A unidade do Serpro em Porto Alegre é, até fisicamente, muito ligada ao evento. Durante 15 dias, a rua Augusto de Carvalho, na qual se localiza a regional, é bloqueada a partir do fim da tarde, para que os pedestres cheguem em segurança à entrada principal do Parque Harmonia, quase ao lado do Serpro. Quem se posta à frente do prédio assiste a um desfile intermitente de gente: pessoas sozinhas, famílias, grupos de amigos, jovens, velhos, casais. Muitos vem de roupa típica, vários chegam a cavalo. Cerca de 1 milhão de pessoas passam pelo acampamento a cada ano. A cidade, que tem 1,5 milhão de habitantes, também promove um badalado festival internacional de teatro nesse período. Fica lotada.



Desfile do 20 de Setembro é ponto alto da Semana Farroupilha

Como na época da Revolução

O Parque da Harmonia, vizinho do Serpro, se transforma no coração da festa. Com seus 300 mil metros quadrados, sedia o Acampamento Farroupilha, onde são erguidos galpões rústicos, para os quais alguns tradicionalistas se mudam nesse período. A ideia do acampamento é reconstituir um pouco da ambiência em que viveram os revolucionários, em grande parte estancieiros, que pousavam em propriedades rurais

amigáveis entre uma batalha e outra, vindos do extremo sul e do interior rumo à capital.

Hoje há iluminação elétrica, wi-fi para todo lado e banheiros públicos com chuveiros. Mas o chão batido e o espírito de festa gaúcha permanecem, com muita música, dança, chimarrão e a fumaça de carne assada se esgueirando no ar a cada dez passadas. O acampamento é quase uma mini cidade, com direito a prefei-

tura, delegacia, estúdios de rádio, tevê, sucursais de jornais. Há uma movimentada praça ao centro, com apresentações artísticas em altos decibéis e áreas para provas de esportes estancieiros específicas como as de encilhamento de cavalos. Há um centro comercial, onde abundam lancherias e armazéns. Sobram oportunidades para comprar objetos típicos da cultura sulista, de poncho a cela, de lenço a vestido de prenda, passando pelos variados tipos da erva que faz o mate de todas as horas.

Piquete Taura: cardápio cultural inclusivo

Todo ano, cerca de dez empregados e empregadas se revezam para coordenar a manutenção do Piquete Taura, de responsabilidade do Serpro. Além dos tradicionalistas, muitas entidades marcam presença no evento: grandes empresas, públicas e privadas, organizações não governamentais, representações políticas, totalizando cerca de 400 piquetes montados no



Piquete do Serpro: confraternização

parque. Fazem o mesmo ritual que os 35 Centros de Tradição Gaúcha (CTGs) do Estado, que montam cada qual seu piquete, assim como CTGs de outros Estados e até do exterior (ver box ao lado).

E em que se resume o piquete? A nada mais que um galpão de madeira, rústico, com portas, janelas, poucas divisórias. É mesmo para ser simples. Os cuidados com o local incluem não só sua armação, limpeza e desmonte como também o oferecimento de refeições típicas aos visitantes e a promoção de um variado cardápio cultural, que inclui palestras, excursões escolares, apresentações de canto e de dança. Essas atividades são todas supervisionadas por organizadores da Semana Farroupilha. Perde o lugar para o ano seguinte quem descumpra a proposta, criada pelo próprio piquete e submetida a prévia aprovação.

“Nessa montagem de atividades, além de palestras históricas, incluímos a reflexão sobre o papel de diversas etnias na construção do Estado, tal como os indígenas e negros. É uma abordagem inclusiva”, resalta José Luis Iserhard, colega conhecido como Cachoeira, responsável pela programação do piquete neste ano.

Adicionalmente, o piquete do Serpro se transforma em ponto de encontro de grupos das diversas áreas da regional, que se organizam para realizar almoços e jantares. Cada grupo se incumbem da compra de ingredientes e do preparo do seu carreteiro ou churrasco, ficando responsável pela limpeza do que utilizou. É também muito frequente que grupos de outras entidades públicas que não montaram piquete, como o IBGE, vizinho da regional, utilizem o galpão, favorecendo um clima de amistos^a confraternização entre servidores públicos diversos.

🔍 Você Sabia?

3 mil CTGs pelo mundo

“Em qualquer chão, sempre gaúcho” é o lema do 35º CTG, o mais tradicional dentre todos os Centros de Tradição Gaúcha. Espécie de clubes onde se cultuam aspectos culturais, os CTGs se espalham não só pelo Estado do Rio Grande do Sul, mas também pelo Brasil e pelo mundo, com inúmeras unidades internacionais, desde o Japão até os Estados Unidos.

Segundo João Carlos Paixão Côrtes, autor de livro sobre o tradicionalismo gaúcho, foi uma entidade estudantil que fundou o primeiro Departamento de Tradições Gaúchas, para “preservar o legado dos antepassados”. Nas comemorações do setembro de 1947, alunos de um colégio porto-alegrense, pilchados, ou seja, vestidos com roupa característica, e montados em seus pingos, estabeleceram um gesto simbólico. Era já uma tradição que no 7 de setembro se acendesse o Fogo da Pátria, e os cavaleiros desse departamento decidiram manter essa chama acesa até o emblemático dia 20 de setembro. Esse período passou a ser chamado de Ronda Gaúcha e, ano a ano, incrementou-se o calendário de eventos, com bailes, concursos de dança, apresentações literárias, publicações de artigos, palestras e provas campeiras. A partir de 1984, com a fundação do Parque Harmonia, os eventos passaram a ocorrer no local, dando origem ao Acampamento Farroupilha.



Equipe do Piquete: trabalho dobrado durante quase um mês

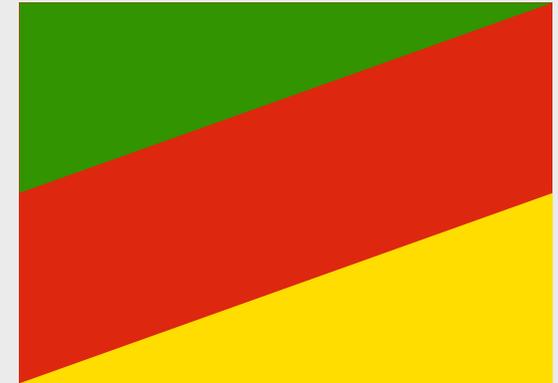
Sobriedade na avenida

Quando o evento chega ao fim, sucedem-se cerimônias. No final de todas, a Chama Crioula, que foi acesa no dia 7 e passou de piquete em piquete durante o período, é ritualisticamente apagada. Mas antes dessa finalização simbólica, há grandes desfiles. Na manhã do 20 de setembro, sucede-se a passagem de pessoas impecavelmente uniformizadas: desfilam estudantes, grupamentos e companhias militares, grupos de elite, cavalarias, helicópteros, cachorros treinados, viaturas de todo tipo e até aviões. Tudo como se fosse o desfile do Dia da Independência, algo que se replica em todos os locais do Brasil.

A surpresa do evento fica para o final, quando entram em cena os CTGs. Os Centros de Tradição Gaúcha apresentam grupos a pé e a cavalo, além de caminhões que funcionam como espécies de carros alegóricos, com cenas típicas gaúchas e representações de episódios da história. Cada CTG escolhe um tema e o apresenta, concorrendo em um desfile que tem fiscais com pranchetas na pista pontuando cada desempenho - uma espécie de carnaval redesenhado com sobriedade. Depois de declarados os vencedores em várias categorias, há bailes e mais festejos pós dia 20. Até que chega o tempo de levantar acampamento e se preparar para fazer tudo, de novo, no setembro do ano que vem. ■

🔍 Você Sabia?

Por um tempo, um outro país



A Revolução Farroupilha não culminou na república, como reivindicavam os líderes. Mas foi um importante movimento contrário ao Império, alinhando-se a outros que eclodiram no país à época. Em 1836, os revolucionários proclamaram a República Rio-grandense, ou República do Piratini. Foram seis anos de confrontos até que o governo enviou tropas sob o comando de Luiz Alves de Lima e Silva, o chamado Duque de Caxias, para debelar a rebelião. Sucederam-se mais três anos de batalha. Ao final, os Farrapos aceitaram a proposta de paz e o conflito teve fim. A longa resistência ao Império, porém, e a viável possibilidade geográfica de apartar-se do resto do país deixaram marcas no imaginário local. Esses traços foram revitalizados pelo surgimento do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), que ressurgiu com força em fins da década de 1940.

26 ANOS DE HISTÓRIAS E MITOS

Escritório de Maceió atende importantes órgãos de governo e guarda anedotas dos bastidores do trabalho

O Brasil Colônia ainda está vivo na arquitetura de Maceió, capital de Alagoas. E os prédios velhos, do centro da cidade, de tão antigos, levam fama de terem sido palco de episódios históricos dramáticos, restando-lhes alcunha de mal-assombrados. Esse é, curiosamente, o caso do prédio que abriga o escritório local do Serpro.

Mas Maceió é mais que história e mito. Com a beleza natural da orla marítima contrapondo-se ao arrojado dos arranha-céus que teimam em surgir por todos os lados, é uma cidade que continua em franco crescimento. A capital de Alagoas abriga o escritório do Serpro desde 1987. Localizado no térreo do Ministério da Fazenda, na Praça Dom Pedro II, já teve outros endereços, como os edifícios Delmiro Gouveia e do Sesc. Mas sempre no centro nervoso da capital.

O escritório atua principalmente na prestação de serviços de administração de rede local para os clientes Receita Federal do Brasil (RFB), Secretaria de Patrimônio da União (SPU), Procuradoria da Fazenda Nacional (PFN), Departamento de Polícia Federal (DPF) e Departamento Nacional de Infraestrutura Terrestre (Dnit), administrando 511 estações de trabalho e 58 servidores de rede. As atividades de suporte são, na maioria, relacionadas à instalação e resolução de problemas de software, além de ações de configuração, atendimento a



Aberto em 1987, escritório na Fazenda abriga nove empregados

problemas de conectividade de rede e resposta a dúvidas gerais do correio eletrônico Expresso.

Ainda em relação aos serviços, destacam-se a implementação e a execução das políticas de backup contratadas pelos clientes SPU, RFB e PFN. “Muitas de nossas atividades não são sequer percebidas pelos usuários, como o serviço de backup, mas são de suma importância para a garantia da integridade de dados lógicos dos cli-

entes”, afirma o gerente do escritório, Paulo César Santos. Ele explica que há outros serviços prestados em Alagoas, como a emissão de certificados digitais e administração de rede de longa distância (Wan). “A Wan é composta tanto pelo backbone quanto pelos circuitos de última milha, que permitem acesso às intranets, no caso de usuários internos, e à internet, no caso de usuários externos. Atualmente, administramos em torno de 20 circuitos de dados contratados” completa Santos. ▶



Thiago: na empresa desde 2010, administra a rede da Receita Federal



Há três anos no Serpro, Eduardo “nem pensa” em sair de Maceió

Sempre bem localizado

Os onze empregados do Serpro em Alagoas estão distribuídos na sede do escritório (no prédio do Ministério da Fazenda) e no prédio da Receita Federal do Brasil, na zona portuária de Maceió. Há também 29 empregados cedidos a clientes, os chamados PSEs. Mas houve um tempo em que o escritório chegou a ter mais pessoas, como relata Marineide de Oliveira: “Tinha mais de 20 empregados, logo no início, quando o Serpro abriu o escritório, no edifício Delmiro Gouveia”, relembra. Marineide ingressou na empresa em 1982, na Regional Recife, e depois foi para Maceió.

“Em 1992, o escritório veio aqui para o prédio do Ministério da Fazenda. Saímos durante a reforma, em 2003, quando fomos para o prédio do Sesc e retornamos em 2007. É muito bom estar aqui no centro histórico de Maceió. Sem contar que o prédio do Ministério tem um significado especial pra mim, já que é nesse bairro que vivo desde a minha infância. Não há coisa melhor e mais gratificante do que trabalhar num lugar que você gosta”, continua a entusiasmada Marineide, elencando as facilidades de se trabalhar no centro da cidade. “Estamos perto de tudo, perto da igreja, da catedral, dos bancos, da Assembleia Legislativa, de teatros. É um local maravilhoso”, resume.

“Voltar, nem pensar”

Não tão longe da estrutura do Ministério da Fazenda, outros quatro empregados ocupam uma sala no prédio da Receita Federal, no histórico bairro de Jaraguá. Dentre eles está o administrador de redes Thiago Philippe Barros. “Estou no Serpro desde 2010. Vim de Recife e trabalhar aqui no Jaraguá é muito bom. O bairro tem esse lado histórico, é perto da praia, perto de tudo, é muito gratificante”, conta Thiago, que administra a rede da Receita Federal composta pela delegacia do Jaraguá e mais seis agências no interior do Estado. “Nossa atividade aqui é muito tranquila. Basicamente, asseguramos que a rede do Serpro funcione para a Receita Federal”, explica ele.

Outro recifense que atua na Receita Federal é Eduardo Gonçalves, que foi para Maceió em 1992. “Quando cheguei, já estavam aqui o chefe, Armando Nogueira; um técnico de atendimento, o Pedro Ferreira, que agora está em Brasília; e o técnico de campo, Fred Luiz. Eu vim para montar o nó de rede, chamado concentrador. Antes, os clientes eram conectados diretamente a um link em Recife. Então nós construímos um nó de rede aqui em Maceió, como funciona até hoje, em que cada Estado tem sua própria concentração. Gostei de Maceió e nem penso em voltar”, relata Eduardo. ■



Marineide aponta o prédio da Fazenda: fama de mal-assombrado

🔍 Você Sabia?

Barulhos estranhos

Por estar em um prédio histórico, que outrora pertenceu a um senhor de engenho, o escritório do Serpro tem fama de ser assombrado por almas penadas. “O prédio do Ministério da Fazenda foi a residência de um senhor de engenho rico, que possuía muitos escravos. Dizem que as almas dessas vítimas da escravidão ainda rondam por aqui, penando. As portas batem sozinhas, as pessoas ouvem gritos e muitos ficam com medo. Estamos trabalhando e, de repente, ouvimos barulhos. E a gente vai ver quem foi, mas não acha nada... Todo mundo aqui já ouviu isso. É um prédio em que ninguém gosta de ficar isolado: quando um diz que vai embora, todos acompanham. Ninguém quer ficar sozinho na sala”, relata a bem humorada Marineide de Oliveira.

O casarão histórico que abriga a sede da Receita Federal também carrega a mesma fama: “Esse prédio tem muitas histórias. Já foi um hospital e dizem, um presídio de escravos. Muitos relatam aparições de assombrações, veem vultos passando, e assim vai. Nós trabalhávamos nessa sala e tinha um colega que costumava ficar até sete horas da noite e, no outro dia, ele contava que ouvia alguém batendo na parede, ou gente chorando. Aí ele procurava e não tinha ninguém. Por ser prédio antigo, tem sempre essas histórias”, opina a empregada Genilda Ramos.

CAVALOS DE SORTE

Colega de Brasília acolhe 16 cavalos “aposentados” em sua fazenda, evitando que sejam precocemente abatidos

Pode parecer chocante, mas um destino comum de cavalos “aposentados”, seja da vida no hipismo ou no turfe, é virar comida de leão: depois de anos de uso, sem possibilidade de prosseguir na carreira, os bichos costumam ser vendidos a zoológicos. Quem traz o relato é Fabrício Pereira de Farias. Lotado em Brasília, gestor de contratos na Sunfj, o colega é apaixonado por cavalos desde criança e faz um trabalho voluntário para evitar que esse destino atinja alguns dos animais que foram usados em corridas, saltos ornamentais, ou até como transportadores de carga.

“Só que não acho esse uso (o do zoológico), o fim do mundo, não. Tenho uma visão crítica. O leão também tem que comer, é algo produtivo, pelo menos. Mas eu me empenho: o que puder fazer eu faço”, pondera Fabrício, que tem na esposa, Aída, uma parceria constante no trabalho desenvolvido em sua fazenda.

Atualmente, a propriedade da família abriga 16 cavalos aposentados. Alguns foram esportistas, outros recolhidos da rua. Há, ainda, os que chegaram a pedido de amigos, que souberam, pelo boca a boca, que o casal desenvolvia esse tipo de trabalho. “Cavalos sem raça, cavalos de carroceiros, esses são os que mais se adaptam à vida solta na fazenda, porque já estão habituados ao rústico”, conta Fabrício. “Já os que vêm da vida em baía, dos esportes, precisam de um tempo para a adaptação”.



Fabrício transformou sua fazenda em um santuário para cavalos “aposentados”

Fabrício brinca que já abriu mão de muitas viagens ao exterior para dedicar recursos próprios à causa, que se mistura com o hobby que é a paixão de sua vida. “Gastamos uma boa soma por mês para garantir a manutenção dos cavalos. E, vira e mexe, contamos com a ajuda de amigos da hípica, quando aparecem gastos inesperados. Não tenho vergonha de pedir e o pessoal sempre contribui. Também temos amigos veterinários que atendem de graça, só pelo prazer de ajudar mesmo”.

Equoterapia acessível

Fabrício começou a pensar em projetos voluntários envolvendo animais e crianças a partir do acompaña-

mento de sua filha a sessões de equoterapia. O tratamento serviu de auxílio no desenvolvimento neuromotor de Sara, que nasceu prematura, em 2003, e teve ótimos resultados com a atividade. A necessidade de ajudar os cavalos com risco de abatimento acabou se impondo. “Temos essa perspectiva de um dia montar uma ONG. Estamos às voltas com os processos burocráticos para viabilizar isso, mas fomentar o esporte hípico continua em nossos planos”, revela Fabrício. “O objetivo será, além de salvar os animais, fazer com que crianças desfavorecidas socialmente também tenham acesso a esse esporte. Quando conseguirmos, será uma grande satisfação”, conclui o colega. ■

